

De haver o fato da realidade.

Tremo, e de repente  
Uma sombra da noite pavorosa  
Inunda-me o gelado pensamento

Vou caindo  
Num precipício cujo horror não sei  
Nem a mim mesmo [logro] figurar,  
Que só calculo quando nele estou.

IX

A sonhar eu venci mundos  
Minha vida um sonho foi.  
Cerra teus olhos profundos  
Para a verdade que dói.  
A Ilusão é mãe da vida:  
Fui doido, e tudo por Deus.  
Só a loucura incompreendida  
Vai avante para os céus.

X

Do fundo da inconsciência  
Da alma sobriamente louca  
Tirei poesia e ciência,  
E não pouca  
Maravilha do inconsciente!  
Em sonho, sonhos criei.  
E o mundo atônito sente  
Como é belo o que lhe dei.

XI

Só a loucura é que é grande!  
E só ela é que é feliz!

XII

Montanhas, solidões [...], desertos todos,  
[Inda] que assim eu tenha de morrer  
Revelai-me a vossa alma, isso que faz  
Que se me gele a mente ao perceber  
Que realmente existis e, em verdade,  
Que sois fato, existência, coisa, ser.

Desespero ao ouvir-me assim dizer  
Isso que n'alma tenho. Sinto-o, sinto-o,  
E só falando não me compreendo.

Sentir isto, eis o horror que não tem nome!  
Mas senti-lo a sentir, intimamente,  
Não com anseios ou suspiros d'alma